

# ENTRE A EXAUSTÃO E A FUGA: A VIDA UNIVERSITÁRIA SOB A LÓGICA NEOLIBERAL

Carlos Eduardo Alves Lopes de Oliveira<sup>[1]</sup>

Nicole Pieroni Machado<sup>[2]</sup>

Tacielle Costa Domingues<sup>[3]</sup>

## Resumo

Este trabalho discute os possíveis efeitos da lógica neoliberal no contexto universitário, especialmente no que se refere à produção de subjetividades e à captura do desejo. Com base nas contribuições de Deleuze e Guattari, investiga-se como a racionalidade produtivista pode compor agenciamentos que modulam afetos e modos de vida. O suicídio é analisado como um fenômeno complexo que, nesse referencial, pode ser compreendido como expressão de exaustão subjetiva diante de determinadas formas de organização social e institucional. Trata-se de uma pesquisa teórica que articula autores como Suely Rolnik, Michel Foucault, Marilena Chaui e Henry Etzkowitz, problematizando os processos de normatização presentes na universidade, atravessada por lógicas de desempenho, eficiência e capitalização do conhecimento. Nesse cenário, o sofrimento não pode ser dissociado de suas dimensões sociais e políticas, tampouco reduzido a uma leitura estritamente individualizante. Como alternativa, traçam-se linhas de fuga como formas de resistência micropolítica e de invenção de novos modos de existência. Além disso, discorre-se subsídios para pensar práticas de desaceleração, cuidado e reinvenção do desejo, como formas de preservação da vida e como caminho para possíveis resistências no interior da universidade.

**Palavras-chave:** Esquizoanálise; Linhas de Fuga; Neoliberalismo; Suicídio; Universidade.

## Introdução

O retrato das universidades engendradas e revigoradas pela lógica capitalística, remonta subjetividades centradas no consumo e no antropocentrismo técnico-industrial, sustentando o sistema de opressão e de deterioração das singularidades (Souza, 2008). Essa lógica mercantil e maquínica produz intencionalmente um território marcado por organismos sociais de inconsciente alta e exclusivamente produtivo (Souza, 2008).

As marcas neoliberais atravessam tanto universidades públicas quanto privadas, orientando sua atuação social, que se relaciona ao ensino e à pesquisa em

[1]Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Eduvale (Uneduvale). E-mail: carlos.oliveira@ead.eduvaleavare.com.br.

[2]Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Eduvale (Uneduvale). E-mail: nicole.machado@ead.eduvaleavare.com.br

[3]Doutoranda em Psicologia do Desenvolvimento e de Aprendizagem pela Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho” - UNESP, campus Bauru. Agenciada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). E-mail: tacielle.domingues@unesp.com.br

prol do desenvolvimento econômico como foco central (Etzkowitz, 2004). Emerge a concepção de uma universidade operacional e empreendedora (Chauí, 2003), voltada a estimular o conhecimento e a experiência acadêmica como produto final, numa lógica de “capitalização do conhecimento” (Etzkowitz, 2004). Configura-se, assim, um espaço de serviência ao sistema capitalista, que se torna um dispositivo de formação social voltado à produção de capital humano moldado aos parâmetros neoliberais. Segundo Deleuze e Guattari, o capitalismo captura o corpo e o desejo, fabricando subjetividades esgotadas. Essa captura não se restringe à esfera econômica, mas infiltra-se nos modos de existência e na forma como ela é experienciada (Deleuze; Guattari, 2011). No que Guattari denomina Capitalismo Mundial Integrado, há um deslocamento dos focos de poder das estruturas de produção de bens e serviços para as estruturas produtoras de signos, de sintaxe e de subjetividade (Souza, 2008).

Nessa perspectiva, a subjetividade não se produz em um vácuo, mas através de agenciamentos maquínicos e sociais que conformam os modos de existência. O suicídio, então, pode ser compreendido como uma expressão extrema daquilo que se denomina “morte em vida”, efeito da máquina social capitalista (Deleuze; Guattari, 2011). Essas máquinas articulam tecnologia, poderes institucionais e forças desejanter para manter o sistema operante, e a universidade pode se apresentar como um de seus dispositivos de modelagem de corpos e subjetividades.

O aumento alarmante do suicídio e das autolesões entre jovens no Brasil revela a urgência de questionar por que o desejo pode se voltar contra a própria vida. Entre 2011 e 2022, as taxas de suicídio na faixa etária de 10 a 24 anos cresceram 6% ao ano, enquanto as notificações de autolesão aumentaram 29% ao ano (Fiocruz, 2024). Esse cenário exige uma análise das condições sociais, políticas e institucionais que podem capturar e esvaziar a força desejanter, entendida, segundo Deleuze e Guattari (2011), como um processo coletivo e relacional, e não como algo interno ao sujeito (Deleuze; Guattari, 2011).

## **Objetivo**

Nesse sentido, esse trabalho tem como objetivo refletir teoricamente sobre como a lógica neoliberal, presente na instituição universitária, pode incidir na captura da vida e na modulação do desejo, problematizando o suicídio, como uma possível manifestação de exaustão subjetiva. Busca-se, com isso, traçar linhas de fuga que possam emergir nesse contexto como formas de resistência micropolítica e de invenção de novos modos de existência.

## **Metodologia**

O presente estudo se sustenta, de forma teórica. (Gil, 2002). A abordagem pós-estruturalista de Deleuze e Guattari (1979) desenvolvem o cerne desse estudo no que tange à explicação da produção da subjetividade imersa sob as engrenagens capitalísticas e evidenciam caminhos para a refinalização deste por meio das linhas de fuga, proposta, em especial, por Guattari (1992). O desejo esmagado e o suicídio serão analisados como resultado dessa opressão sistêmica (Deleuze; Guattari, 2011).

Sueli Rolnik (2018) contribui cognoscitivamente na ampliação de discussão para o processo de ressingularização das subjetividades e escapismos do modelo maquínico previstos como extensão dos corpos sociais, ademais, pontua as contribuições excêntricas de Deleuze e Guattari para a compreensão do inconsciente produtivo.

Na identificação dos modelos neoliberais impregnados no gene das universidades correlaciona-se o poder da instituição, autovigilância e controle de corpos, sob análises de Michel Foucault (2014). Buscando somar teorias exploratórias do campo da universidade e justificar os pontos da problemática ocorre a intertextualização entre os conceitos de Capitalismo Acadêmico (Slaughter; Rhoades, 2014) e de Universidade Operacional (Chauí, 2016).

## **Resultados**

A universidade não atua apenas como espaço de formação acadêmica, mas também como instância biopolítica. Sob a ótica da governamentalidade foucaultiana, ela participa da produção e regulação de comportamentos, estabelecendo padrões de normalidade e desempenho que definem quem é considerado apto a ocupar determinados espaços (Foucault, 2014).

Deleuze e Guattari identificam pontos de ruptura que escapam de qualquer organização sistêmica, um dos caminhos mais potentes se constrói através da ressingularização. A convocação de Guattari para um redirecionamento das atividades humanas implica uma mudança de paradigma. O paradigma científico-racional do capitalismo mundial integrado baseia-se no lucro, no valor de troca, na exploração e destruição do meio ambiente e das relações sociais (Souza, 2008).

Urge, a necessidade de um paradigma ético-estético que considere as dimensões da subjetividade e das relações sociais que se relacionam à sensibilização, ao desejo e ao respeito à alteridade e às singularidades humanas, valorizando mais as necessidades existenciais do que o valor de troca (Souza, 2008). Nesse contexto, as

proposições de Suely Rolnik (2018) podem aprofundar e atualizar essas reflexões, com sugestões para uma contínua descolonização do inconsciente, como práticas voltadas à resistência contra os dispositivos que capturam e neutralizam a potência criadora da vida (Rolnik, 2018). Nesta pesquisa, três dessas proposições são reinterpretadas para pensar possibilidades de resistência no campo universitário.

No ambiente acadêmico, em que o desejo é capturado e submetido a uma temporalidade acelerada orientada à maximização do desempenho, torna-se urgente instaurar movimentos de fuga capazes de criar fissuras no corpo institucional e restituir a potência criadora da vida. É necessário, como afirma Rolnik, “não abrir mão do desejo em sua ética de afirmação da vida”, recusando sua conversão em mero combustível produtivista e reinstalando-o como força coletiva capaz de sustentar vínculos e modos de existir que escapem ao cálculo da performance. (Rolnik, 2018). Essa preservação exige também, conforme alerta a autora, “não atropelar o tempo próprio da imaginação criadora” para evitar que novos mundos sejam sufocados antes mesmo de emergirem e para impedir sua expropriação pelo “regime colonial cafetínístico”, que desvia seu destino ético e o reduz à função de produzir novidades para alimentar o capital e acelerar o consumo (Rolnik, 2018).

A desaceleração, nesse sentido, não deve ser entendida como passividade, mas como estratégia política de insurgência que confronta diretamente o cronômetro do capital. Ao permitir a maturação de ideias e práticas fora da lógica imediatista e mercadológica, ela cria condições para que formas alternativas de vida acadêmica e de produção de conhecimento possam emergir. Atender ao chamado de Rolnik para “praticar o pensamento em sua plena função: indissociavelmente ética, estética, política, crítica” implica transformar cada gesto, pesquisa e encontro em espaço de invenção e cuidado, tensionando as formas estabelecidas e instaurando territórios que resistam não apenas à lógica de mercado da universidade neoliberal, mas também aos mecanismos biopolíticos de vigilância e normatização que, sob a promessa de cuidado, reforçam a captura da vida (Rolnik, 2018; Foucault, 2014).

## **Conclusões**

A morte por suicídio carrega uma denúncia sobre os vivos. Em vez de escutar essa denúncia, muitas vezes a discussão é deslocada para um campo estritamente psicológico, ignorando seus aspectos políticos, históricos e sociais. Com isso, o fenômeno é frequentemente reduzido a um desajuste interno do sujeito, desconsiderando que ele é atravessado por múltiplas intersecções e por uma lógica neoliberal que precariza a existência.

A resposta apresentada nesse estudo é de que a captura da vida não é individual, nem adaptativa. Ela é coletiva, micropolítica e criadora. Não se trata de ajustar os corpos ao sofrimento, mas de fazer do próprio sofrimento uma força de invenção de novas formas de viver.

As direções aqui propostas, aplicadas ao contexto da universidade, permitem questionar a forma como a lógica neoliberal pode anestesiar afetos e acelerar processos. Mas que ao serem ativadas como linhas de fuga, podem infiltrar-se nas práticas e relações institucionais, corroendo mecanismos de captura e possibilitando que a experiência universitária se configure como espaço de criação e não de esgotamento subjetivo.

## Referências

CHAUÍ, M.S. **Contra a universidade operacional e a servidão voluntária**. Bahia: Universidade Federal da Bahia, 14 jul. 2016.

\_\_\_\_\_. **Escritos sobre a universidade**. São Paulo, UNESP, 2001.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

ETZKOWITZ, Henry. **A evolução da universidade empreendedora**. Revista Internacional de Tecnologia e Globalização, v. 1, n. 1, p. 64-77, 2004.

FIOCRUZ. **Estudo aponta que taxas de suicídio e autolesões aumentam no Brasil**. Portal Fiocruz, 2024. Disponível em: <https://fiocruz.br/noticia/2024/02/estudo-aponta-que-taxas-de-suicidio-e-autolesoes-aumentam-no-brasil>. Acesso em: 21 maio 2025.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Suicide worldwide in 2019: global health estimates**. Geneva: WOH, 2021. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240026643>. Acesso em: 21 maio 2025.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada**. São Paulo: N1 Edições, 2018.

SLAUGHTER, Sheila; RHOADES, Gary. **Capitalismo acadêmico e a nova economia: mercados, Estado e ensino superior**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2004.

SOUZA, David Britto de. **A subjetividade maquínica em Guattari**. 2008. 115 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2008.